

MINHA AMIZADE COM HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Augusto Jeronimo Martini¹

R

ecuperar as memórias sobre a minha jornada no Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP e em especial com a Profa. Dra. Heloísa Liberalli Bellotto é retomar as motivações e o contexto que me fizeram chegar em São Paulo/Capital

e considerar os novos percursos que dessa experiência surgiram em minha vida.

Cursei a graduação (tardia, contava com 29 anos) em Geografia - licenciatura e bacharelado - na UNESP Campus de Rio Claro/SP, onde nasci. Na época trabalhava no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro (APHMRC) o qual estava sob a

¹ Possui graduação em Geografia (Bach. e Lic.) pelo IGCE - UNESP - Rio Claro/SP (1993), mestrado em História Social pela USP (2004) e especialização em Organização de Arquivos pelo IEB /USP (2009). Foi membro do Conselho Fiscal da Associação dos Arquivistas de São Paulo - ARQ/SP, nos biênios 2002-2004 e 2004-2006. Servidor Público Estadual aposentado, atuou na EGESP/SEFAZ-SP, onde também foi representante da Coordenadoria de Planejamento Estratégico e Modernização - CPM, na CADA, da Secretaria da Fazenda.

direção primorosa da Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo, que foi a grande incentivadora à minha formação.

Imagem 1 - Lançamento do livro "Arquivo: estudos e reflexões". São Paulo, 25/09/2014.



Em julho de 2000, a Associação dos Arquivistas de São Paulo - ARQ-SP foi contratada para limpar, identificar e cadastrar os processos da Justiça Federal de 1ª Instância. O trabalho, sob orientação da professora Ana Maria de Almeida Camargo, do Departamento de História da USP, foi coordenado por mim e realizado por dezenas de alunos da mesma Universidade, que se revezavam em dois turnos de cinco horas diárias. Os processos ficavam em um armazém de 43,2 mil metros quadrados da Avenida Presidente Wilson, extenso corredor de paralelepípedos que liga o ABC ao Ipiranga e a força-tarefa debruçou-se sobre 100 mil ações que abrangiam o período de 1880 a 1969.

Na época do convite, já graduado, ministrava aulas de Geografia na Rede Estadual de Ensino do estado de São Paulo, acumulava o cargo de Técnico em Organização de Arquivos no APHMRC e havia ingressado no programa de pós-graduação em Geografia na UNESP de Rio Claro, onde, confesso, não estava muito à vontade. Depois de muito pensar, desisti do programa de mestrado, consegui afastar-me por dois anos sem vencimentos nos dois empregos e aceitei o desafio de assumir a coordenação na organização dos documentos da Justiça Federal de 1ª Instância. Assim, pela primeira vez



fui viver fora do meu lugar de nascimento. No mesmo ano participei da seleção do Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH-USP. As etapas do processo seletivo foram sendo vencidas uma a uma e cheguei no dia da entrevista, momento em que conheceria pessoalmente a Profa. Dra. Heloísa Liberalli Bellotto. Eu estava com medo por ter que passar por uma entrevista em que deveria apresentar o pré-projeto para uma sumidade na área da Arquivologia, cujo principal eixo seria a recuperação documental do agrônomo e silvicultor Edmundo Navarro de Andrade. Nascido no ano de 1881, em São Paulo, Edmundo Navarro de Andrade foi um renomado engenheiro agrônomo. Estudou na Escola Nacional de Agricultura, em Portugal, e retornando ao Brasil foi contratado pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, para desenvolver o projeto de criação de Hortos Florestais ao longo das ferrovias. Coube a Navarro de Andrade pesquisar qual espécie florestal melhor atenderia ao reflorestamento das áreas desmatadas na construção da ferrovia como também para o fornecimento de madeira e carvão necessários à sua manutenção. Nesse intuito, foram criados 18 hortos e plantadas 95 espécies florestais até ser escolhido o Eucalipto, árvore nativa da Austrália. Navarro instalou a sede do Serviço Florestal em Rio Claro. O antigo horto florestal de Rio Claro hoje leva o nome do pesquisador e, em 2002, foi transformado em unidade de conservação de uso sustentável sob o nome de Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (FEENA). São 2.230 hectares com as mais variadas espécies da planta. O local é aberto à visitação e possui atrações como as trilhas que passam pelos vários eucaliptos que se encontram na floresta. Há, ainda, o Museu do Eucalipto, que reúne em seu acervo 39 anos de pesquisas do engenheiro agrônomo, e o Solar Navarro de Andrade, residência do pesquisador, tombada pelo patrimônio histórico.

Imagem 2 - VII Congreso de Archivología Del Mercosur - "Archivos, Patrimonio Documental del Futuro". 2007.



Conhecia a produção intelectual da Professora Heloísa, bem como o seu trabalho no Projeto Resgate, promovido pela Biblioteca Nacional e pelo Ministério de Relações Exteriores onde pesquisadores e historiadores levantaram fontes da história do Brasil existentes em arquivos no exterior. Sabia que na época ela tinha pesquisa ativa em Portugal (ela atuou no projeto por 12 anos), onde mantinha contato com pesquisadores que já haviam trabalhado em arquivos na Bélgica, França, Holanda, Itália, Áustria, Espanha e Alemanha.

Durante a entrevista, da qual também participaram a Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo e a Profa. Dra. Johanna Wilhelmina Smit, percebendo que meu projeto era algo realizável e como disse ela, inédito e que mais tarde disse-me que a remetia de certa forma ao trabalho realizado por seu pai, Carlos Henrique Robertson Liberalli, que foi farmacêutico, que na década de 70 foi diretor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP e ajudou a instituir e foi o primeiro diretor da Escola de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, hoje FOP/Unicamp, acabei por ser selecionado.

Imagem 3 - Lançamento do livro "O plantador de eucaliptos e a questão da preservação florestal no Brasil". São Paulo: Editora Humanitas, 2009. 04/09/2009.



Dando a entrada no projeto e sempre acompanhado por ela, mesmo que por muitos meses distante, pois estive quase todo o tempo em Portugal, nossa relação foi se estreitando a cada dia nos anos em que estivemos juntos. Nossa amizade foi se fortalecendo e o meu receio de estar sob a tutela de alguém tão importante foi diminuindo, tanto que com o passar do tempo ela não era mais a Profa. Dra. Heloísa e sim simplesmente Helô, como eu a tratava, grande mestra, sempre respeitada e querida amiga. Ela dizia que eu precisava resgatar muitos pontos aos quais não tivera acesso na graduação em Geografia e incentivou-me a cursar a Especialização em Organização de Arquivos no Instituto de Estudos Brasileiros - IEB/USP. Em nossos encontros durante a orientação, sempre a ouvia atentamente e no curso de especialização (onde também foi minha orientadora) não perdia uma aula. Me envolvi completamente com a vida acadêmica sem passar por humilhações como é muitas vezes comum ouvir relatos nesse meio. Pelo contrário, só tive muitos incentivos e nenhum sinal de ego inflado. Heloísa era uma pessoa sempre comprometida com sorrisos, muita leveza, gentil, bem conectada com o rigor acadêmico e não poderia ser diferente.

Todos os anos reunia os orientandos em sua casa para um almoço ou jantar de confraternização onde ela mesma fazia questão de preparar o prato principal. Ficávamos conversando por horas, falando de nossos projetos e do trivial. E nesse momento, quando estávamos todos juntos, percebíamos que o carinho que ela dispensava era igual a todos, sem fazer distinção.

Imagem 4 - Almoço de confraternização pelo encerramento da turma do curso de “Especialização em Organização de Arquivos pelo IEB/USP” (2009). 21/06/2008.



Terminei o mestrado com indicação de que a dissertação se tornasse livro, o que foi concretizado pela editora Humanitas-USP e percebi que a Helô ficou tão feliz quanto eu ao ver a obra publicada. Logo em seguida ingressei no programa de Doutorado onde também tive o prazer de continuar com a sua orientação. Escrevi alguns capítulos, passei pelo exame de qualificação e infelizmente, por motivos pessoais, não finalizei a tese. Mas, nos períodos que estivemos juntos durante as orientações e após eles, posso dizer que uma vida inteira de coisas novas se abriu para mim na convivência que tive com Helô e com os amigos que fiz.

Apresentei trabalhos em congressos nacionais e internacionais sempre com sua supervisão e carinho. A nossa relação de amizade, cumplicidade e reciprocidade estava



cada vez mais firme. Sempre fazia críticas construtivas aos meus textos, ao discurso e postura nas apresentações.

Helô não gostava de ler na tela do computador. Preferia o papel impresso, onde fazia suas anotações e correções. Nunca disse *“isso está ruim”*. Sempre usava o termo *“isso pode ser melhorado”*, ou *“esse texto está muito jornalístico e precisa ser mais acadêmico”*. Quando minha dissertação estava para ir ao prelo, releu e acompanhou cada etapa do processo de publicação, sugeriu substituição de imagens etc. Com o seu exemplo, aprendi que tenho que ser exigente teoricamente, mas sem deixar que o trabalho intelectual seja prazeroso. No dia de lançamento do livro tive a certeza de que o plano dela para mim estava sendo concluído. O orgulho que percebi em seu olhar será para sempre minha referência.

Regularmente eu ligava para ela contando dos e-mails recebidos vindos de pesquisadores espalhados pelo mundo querendo saber um pouco mais sobre o Edmundo Navarro de Andrade, sobre o Museu do Eucalipto de Rio Claro, bem como das inúmeras citações em trabalhos acadêmicos, o que a deixava muito feliz.

Nosso último contato foi também por telefone, em 23 de fevereiro do ano vigente, dia em que ela comemorava anos. Estava muito feliz, falamos sobre amenidades. Lembro-me perfeitamente de sua declaração: *“Augusto querido, não me faça chorar nesse meu aniversário de 88 anos. Muito obrigada por suas palavras. Vamos ver se esse ano marcamos aqui em casa um encontro como aqueles de antes e como os inesquecíveis que a Ana Maria realizava”*.

Imagem 5 - Almoço de confraternização pelo encerramento da turma do curso de “Especialização em Organização de Arquivos pelo IEB/USP” (2009). 21/06/2008.

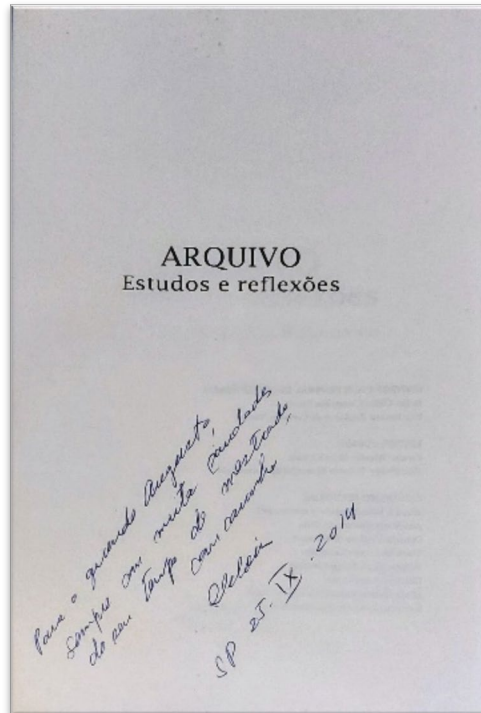


Helô se foi sem antes realizarmos esse seu desejo! Nos Congressos nacionais e internacionais de Arquivologia sempre haverá um espaço vazio. E ela ainda tinha tantos planos, tantas coisas por fazer. Queria escrever juntamente comigo um artigo de Diplomática Documental onde analisaríamos as Notas Fiscais constantes no acervo documental da Secretaria de Fazenda do Estado de São Paulo. O mundo ficou menos colorido com sua partida. Li já algumas vezes que o professor/orientador se imortaliza por meio de seus alunos/orientandos. E deve ser mesmo verdade, pois sinto um toque da Helô em tudo o que escrevo. Posso afirmar que tive a melhor orientadora de especialização, mestrado e um quase doutorado concluído que eu poderia ter tido.

Heloísa, onde estiver, tenha a certeza de que seus colegas e amigos a admiram e que milhares de pessoas pelo mundo lhe agradecem por, de alguma forma, quer por textos ou pessoalmente terem feito parte de sua jornada.



Imagem 6 - Dedicatória no livro "Arquivo: estudos e reflexões".



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#).

